

**A Segunda *Generación*
das Magdalenas, o**

Teatro das Mulheres:

Entrevista com a
dramaturga e atriz
argentina Ana Woolf

Entrevista

Interview

Entrevista

Sandra de Souza Machado^{1, 2}

O velho ditado de que uma andorinha sozinha não faz verão é bem válido para o teatro. Especialmente, quando se pensa em artes cênicas com roteiros/dramaturgia elaborados por mulheres. Assim como em outras artes, o teatro foi secularmente dominado pelas representações engendradas pelo sujeito masculino e suas dinâmicas, sensibilidades e realidades próprias.

Apenas nas últimas quatro décadas, surgiu um movimento organizado, a rede *Magdalena Project*, fundado ainda nos anos 1970, entre outras, pela pesquisadora e dramaturga britânica Julia Varley. Desde então, o principal ponto de reunião das *Magdalenas* é o Odin Teatret, escola de dramaturgia da Dinamarca e uma das principais da Europa. Hoje, o projeto multimídia e

¹ Doutora em História pela Universidade de Brasília (UnB) e Master of Arts em Cinema e TV pela The American University, Washington, D.C. EUA. É jornalista e blogueira (**Blog da Igualdade – Correio Braziliense**), e professora visitante da UnB. sandramachado14@gmail.com e sandramachado@unb.br <http://blogs.correiobraziliense.com.br/igualdade/> ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0064-4995>.

² Endereço de contato da autora (por correio): Blog da Igualdade, Correio Braziliense. Edifício Edilson Varela, SIG Qd 02 nº 340. CEP: 70.610-901. Brasília, DF, Brasil.

interdisciplinar abrange dramaturgas, diretoras, pesquisadoras, atrizes e estudantes das artes cênicas e outras áreas da criação artística, de mais de 50 países, para mudar ou equilibrar o feminino no cenário teatral mundial.

O projeto é renovar o panorama conceitual, filosófico, linguístico e estético da dramaturgia contemporânea. Fomentar a produção e a qualificação do teatro (e das produções audiovisuais) das mulheres, dentro de um fórum que gera reflexão, aprimoramento, apoio e visibilidade (o empoderamento) ao trabalho delas.

A atriz, dramaturga, diretora e pedagoga teatral argentina, Ana Woolf, faz parte dessa rede, e é co-fundadora do *Magdalena 2ª Generación*³, associação de mulheres do teatro, iniciada em 1998, para a América Latina. Esse braço da Rede Magdalena investe na vitalidade das culturas latinas, sendo que o trabalho sobre a presença cênica, investigação e produção estão centrados no conceito do teatro como fazer comunitário, enraizado na essência das identidades nacionais e a latino-americana, em diálogos interdisciplinares com outras tradições.

Ana Woolf esteve algumas vezes no Brasil para festivais e encontros de teatro e artes cênicas das mulheres, como os de Florianópolis e Brasília, onde participou das edições do Festival Internacional de Mulheres no Teatro – Solos Fértis. Em 2012, ela estreou em Brasília um de seus trabalhos, a peça *Shador de las Noches* (Chador (Véu) das Noites), sobre as fronteiras que atravessamos e até onde vão os sacrifícios do/pelo amor.

³ Ver mais informações em: <http://magdalena2dageneracion.blogspot.com.br/p/quienes-somos.html> e em <http://magdalena2dageneracion.blogspot.com.br/2017/> Acesso em: 19 de Set. 2017.

Ela passou mais de 12 anos na Dinamarca, para estudar e trabalhar no Odin Teatret, onde foi (e ainda é) discípula de Julia Varley, respeitadíssima diretora e mestra no teatro europeu (e o das mulheres). Julia, aliás, também participou das edições do Festival Solos Fértéis em Brasília, para apresentações de espetáculos, oficinas e palestras.

O tempo em que trabalhou no Odin foi, para Ana Woolf, na verdade um espaço em sua vida enquanto fonte de inspiração, criação e de referências para a sua identidade de gênero, como artista, dentro do lado “alternativo” feminino do teatro dinamarquês. Lá, ela elaborou e participou de projetos e seminários sobre o teatro das mulheres e trabalhou também em outros países da Europa, da América do Sul, e do Oriente Médio.

Em 2011, Ana voltou a residir na Argentina onde, além das oficinas permanentes que ministra, dirige e atua em várias produções cênicas e do audiovisual. Aos 49 anos, parece conhecer bem as regiões das fronteiras, as encruzilhadas, como mulher, como imigrante/viajante, e como artista. Ela estava em Taiwan, em apresentações/oficinas do projeto, quando respondeu a esta entrevista. O próximo grande evento das *Magdalenas* (já está em sua 3ª Generación – principalmente, com novas dramaturgas e atrizes brasileiras e argentinas) será em Buenos Aires e em Pinamar, entre os dias 2 e 12 de Novembro deste 2017, com a presença de artistas mulheres dos quatro cantos do mundo.

Recebido em: 17.05.2017. Aceito em: 17.07.2017. Publicado em: 01.08.2017.

A dramaturga argentina Ana Woolf é pedagoga, atriz, roteirista e diretora. Foi assistente de direção de Eugenio Barba nos espetáculos *Ur-Hamlet*, *El casamiento de Medea* e *A Vida Crônica*, além de colaboradora internacional do Odin Teatret. Integra como pedagoga o staff internacional da ISTA – *International School of Theatre Anthropology* (Escola Internacional de Antropologia Teatral).

Ela contribui ainda com Teatret OM (Dinamarca); na Universidade de Nice Sophia Antipolis, com o grupo Uzume (França); com o Teatro di Nascosto (Itália); com o Festival Grenland Friteater (Noruega); e com o Voix Polyphoniques, de Brigitte Cirila (França). Como atriz, é discípula de Julia Varley (Odin Teatret), que dirigiu seus solos *Semillas de Memoria* e *Blanca es la noche*. Foi tradutora e/ou revisora das edições argentinas de: *Pedras d'água*, de Julia Varley; *Queimar a casa*, de Eugenio Barba; *El caballo ciego*, de Eugenio Barba e Iben Nagel Rasmussen (Odin Teatret); *Huellas en la nieve*, de Roberta Carrieri (Odin Teatret); e *Os alquimistas do palco: laboratórios de teatro na Europa*, de Mirella Schino. Ana Woolf apresentou o seu espetáculo *Sementes da Memória* no Espaço Tom Jobim, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em novembro de 2015.

Ana lembra e cita sua mestra, Julia Varley, de quem se diz filha artística, para falar das ausências e omissões femininas (do feminino) no teatro mundial:

1. Por que fazer teatro, o que é esta arte para você, e o que a levou ao Odin Teatret, na Dinamarca?

ANA WOOLF: Estudar, pesquisar e trabalhar em teatro – ou cinema, ou artesanato – é como outra profissão (ofício) qualquer. É um dom que você desenvolve como faria na Medicina ou na Engenharia. Você precisa de

aperfeiçoamento, de estudos, de se exercitar naquilo que faz. E isso é constante. Tem que ser diário, senão você não estará com o corpo, com a memória, e com o seu lado intelectual e psíquico preparados. Uma atriz ou ator é um ser intelectual, ou seja, alguém que se cultiva, que se forma, que estuda e que vai transmitir cultura. Ocorre que na Argentina, como em toda a América do Sul, precisamos provar que não é só uma ideia de jovem/adolescente. E levamos muitos anos provando que somos profissionais, que este é nosso ofício. Perdemos tempo e não temos as condições ideais para um trabalho constante, como deveria ser, que requer exercícios diários, como em outras profissões.

Entretanto, o principal motivo que me levou para o Odin foi a primeira palestra da Julia Varley, minha mestra, que assisti em Buenos Aires. Ela apresentou o *Magdalena Project*, o teatro das mulheres, e me encantei. No Odin Teatret, pude realizar esse trabalho constante e descobri uma identidade como atriz, e também o fazer a dramaturgia no feminino. Adquiri uma consciência feliz sobre o que tenho que fazer no teatro, que é um arma política (...) Vejo o teatro das mulheres não como um espaço alternativo, mas como outro espaço! Ele é diferente. Nele, "generamos" (gerar em espanhol e fazer gênero) outra vida.

2. E para as mulheres que fazem teatro, assim como acontece em outras profissões, o mercado latino-americano é mais difícil?

ANA WOOLF: Certamente que sim. Na Escandinávia, antes de tudo, não temos que demonstrar, que provar para ninguém, que temos uma profissão. E os papéis masculinos e femininos (de gênero) lá já não são naturalizados. Os serviços que aqui seriam delegados sempre (seriam naturais) às mulheres, lá são realizados/compartilhados por todos e todas. Se, em casa, há um homem ou uma mulher que faz teatro, ela ou ele fica em casa e cuida dos filhos, da

cozinha, da limpeza. Fica mais fácil viver e trabalhar assim. Quanto ao ofício em si, no *Magdalena*, fazemos um trabalho coletivo, comunitário, de ajuda mútua, que fortalece... melhor do que tentar individualmente, com as seculares incertezas, inseguranças, preconceitos e inscrições machistas do patriarcado. Trabalhamos para mudar isso tudo, em conjunto.

3. Esse é outro ponto: a História do Teatro. É a mesma que nas outras áreas? Ou seja, aconteceu também de as mulheres terem estudado, pesquisado, desenvolvido roteiros e dirigido peças, e nenhum crédito tenha sido dado (ou mesmo roubado) delas, desde o teatro clássico? As dramaturgas também sofrem uma “síndrome de Hypatia”⁴?

ANA WOOLF: Olha, não sou uma historiadora do teatro... mas, sim, estou segura que ocorreu isso ao longo da história. Há que se fazer uma pesquisa profunda sobre esse tema. Isso porque, ainda hoje, eu e muitas mulheres do teatro vemos isso acontecer. Temos problemas para realizar trabalhos, fazer roteiros e direção, e nossas inseguranças quanto a mostrar nossos escritos, nossas produções. Precisamos valorizar mais o que escrevemos e produzimos. Parece que temos que fazer muito mais e melhor do que os homens. A *Rede Magdalena*, a Julia (Varley), incentiva esses trabalhos escritos, há décadas, na

⁴ A matemática, física e filósofa Hipácia de Alexandria, considerada a última grande pensadora e diretora da Escola neo-platônica de Alexandria, foi brutalmente assassinada por turbas de religiosos fanáticos, cerca de 400 D.C. Sua importância e realizações, inclusive, para a Astronomia, foi silenciada pelos historiadores, ao longo de séculos. O diretor chileno-espanhol Alejandro Amenábar, conta a história de Hipácia no filme *Ágora* (2009 - lançado no Brasil com o título de *Alexandria*). Disponível em: <http://valkirias.com.br/hypatia-de-alexandria-filosofoa-matematica-e-silenciada/> Acesso: 20 de Set. 2017

revista *Open Page*⁵ – em meio digital que a rede mantém – para a publicação dos escritos das mulheres dramaturgas. São textos fantásticos, que podem não ser considerados como “pesquisas acadêmicas”, mas são pesquisas profundas. Mesmo que pessoais, são “científicas”. Muitas vezes, as próprias mulheres se auto-censuram, não publicam, ou não levam a pesquisa ou o texto adiante, até pela insegurança. Incerteza essa que é passada por gerações.

4. Então, as mulheres dramaturgas também se autodepreciam, mesmo construindo, produzindo e montando peças, fazendo oficinas, atuando, dirigindo. Por que não são estudadas e “copiadas”?

ANA WOOLF: Temos uma genealogia nisso, dessa ação de escondermos e pensarmos que é assim, que o que escrevemos e estudamos não seriam coisas publicáveis, que são trabalhos menores. Enquanto muito mais espaço sempre foi dado aos homens – são espaços dados a eles. E, de jeito nenhum, os trabalhos das mulheres são “menores”. Pelo contrário. Temos, hoje, que aceitar que somos capazes de construir espaços, algo para deixar para trás os séculos de silêncios. Aprendermos em (exercícios de) comunidade teatral.

5. Explica um pouco sobre a sua peça *Shador de las Noches (Chador das Noites)*, que você apresentou pela primeira vez em Brasília, no Festival Solos Fértéis.

ANA WOOLF: É uma história de verdade, aconteceu a uma mulher que conheço. É sobre essa mulher (ocidental), que é atriz, e ela se casa com um

⁵ Disponível em: <https://themagdalenaproject.org/en/content/publications> e também em: <https://themagdalenaproject.org/en/content/open-page> Acesso: 20 de Set. 2017

político, que vai trabalhar na embaixada em um país do Oriente Médio. Então, ela deixa a sua vida/profissão para viver com seu marido em uma sociedade islâmica. Pouco a pouco, ela foi se “shadorizando” (colocando o véu/chador), por amor! Então, na peça, eu atuo em todos os papéis. Faço a narradora, a atriz, a mulher que fala: são vozes triplas. Triplicadas. A voz do marido também está aí, no meio. Porque temos, nós todas, muitas vozes interiorizadas. É um concerto de vozes, que temos e que temos que identificar e respeitar. Enfim, a mulher sofre muito, porque está fazendo muitas concessões, mas não deixa o marido, e a situação toda, porque o ama. Então, a pergunta é: até onde podemos ir e vamos por amor? Quanto você vai violentar-se por amor? Que coisa é: um “bom” amor ou um “mau” amor?! Entretanto, ela não pode dizer nada das suas dores ao marido, senão terá que partir, e ela não quer deixá-lo... Enfim, é uma personagem fantástica porque está aí, existe. Há muitas mulheres que conheço que vivem em situações semelhantes. Convivem com a impossibilidade de ser, lamentavelmente.

6. Esses vazios existenciais e fronteiros constantes nas mulheres, por serem mulheres em um mundo predominantemente patriarcal, também são parte de outras obras das *Magdalenas*, que você dirigiu, como *Flores Robadas a la Niebla (Flores Roubadas da Névoa)*, ou *Gordas* (peça da atriz e dramaturga Natalia Marcet, que debate doenças fruto dos conflitos internos, como a bulimia e a anorexia), não é?

ANA WOOLF: *Flores Robadas a la Niebla* é a história de duas mulheres que estão partindo em uma estação de trem, numa região fronteira (*borderline*), e como que amputam uma parte de si mesmas, na região onde não há margem do rio. Em nossas oficinas pedagógicas, trabalhamos para “soltar” ou libertar,

por meio do trabalho de corpo e voz, as mulheres vítimas de violência, principalmente, em países latinos e árabes. Em países europeus, como a Itália, já participei de grupos/oficinas que lidam com a violência simbólica, principalmente, contra as mulheres imigrantes, vítimas de abusos ou das redes de tráfico internacional, e de pessoas desaparecidas. O teatro, aliás, o mundo literário, é todo escrito e inscrito como sujeito masculino. Mesmo no *Magdalena*, ainda ouvimos as mulheres referindo-se a si próprias como “nosotros” (sujeito plural masculino em espanhol, assim como em português, o masculino prevalece nas *generalizações e generizações*). Essa é a história de centenas de séculos. O teatro é uma arma de consciência política e é um fazer comunitário, onde muitas vozes e textos (de mulheres) podem fortalecer e ajudar a transformar essa história. Pode trazer à clareza as inscrições em nossos corpos. Usamos nossas próprias palavras para contar as histórias das mulheres. Os nossos encontros, oficinas, festivais, mostram o protagonismo das artistas que trabalham essa voz: divulgam e promovem o trabalho cênico de mulheres artistas em um contexto social em mudanças permanentes no paradigma e no papel das mulheres. No próximo Festival, que será em Novembro, na Argentina, as Magdalenas 2ª Generación vão mostrar que o trabalho de presença deve partir do trabalho de insistência sobre o pensamento, a formulação e a construção de um mecanismo discursivo que permite contar desde histórias íntimas até músicas comuns, passando por uma reflexão teórica sobre gênero, construções construtivas e discursivas.

Há vídeos com o teatro, performances, e oficinas de Ana Woolf e das Magdalenas latino-americanas, que já celebram a 3ª Generación, com a brasileira Luiza Bitencourt e grupo de Jundiá, Brasil, em:

<https://www.youtube.com/watch?v=0JfYWgPaGGM>



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 6, Outubro-Dezembro. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v3n6p728>

<https://www.youtube.com/watch?v=UR7X6ssLNus>

<https://www.youtube.com/watch?v=PNb1xC-MiQM>